

25 de julho de 2023 nº4  
ano II

Tatuí, SP

**JORNAL**

# BULI

**28º FETESP**

**FESTIVAL ESTUDANTIL DE TEATRO  
DO ESTADO DE SÃO PAULO  
CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**





*NO FRESCOR DA HORA*

**4**

**VERSÃO BRASILEIRA HERBERT RICHERS**

JULIA PEDREIRA

**9**

**O CIRCO DOS OBJETOS: UM TEATRO  
PROFUNDAMENTE POPULAR**

FELIPE DE MENEZES

*COXIA*

**13**

**1989: UM ESPETÁCULO QUE NOS  
DEIXA SEM PALAVRAS!**

MARCO ANTONIO PEDRA

**19**

**OS OBJETOS DOMINARAM BAURU, E FAZEM  
UMA TENTATIVA DE DOMINAÇÃO EM TATUÍ**

THIAGO MARCHETTO

*FERMENTAÇÃO NATURAL*

**23**

**MANIFESTO EM ESPAÇO PÚBLICO**

CIA QUASE POÉTICA DE TEATROS

**28**

**OCUPANDO REALIDADES**

CIA DE TEATRO TAL&PÁ

**32**

**LUA SEM O SEU CHÃO**

GRUPO ALTA

**36**

**A VAQUINHA QUE VIROU NOTÍCIA**

CIA DE TEATRO FLOR DO ASFALTO

*CHARGES*

**39/40**

**PENSAR E PISAR / 1989**

KAIO ALEXANDRE

*CRÔNICA DO DIA SEGUINTE*

**41**

**O PONTO DE VISTA DO CHÃO EM QUE SE PISA**

IVAN FREITAS

*AINDA REVERBERA*

**44**

**INTERFERÊNCIAS**

KAIÃO

*BÔNUS OU UM MIMO NOSSO*

**46**

**MINI-DRAMATURGIA**

TADEU RENATO

**51**

**EXPEDIENTE**



# **VERSÃO BRASILEIRA HERBERT RICHERS**

**POR JULIA PEDREIRA**

*apreciação do espetáculo 1989, a partir do painel conduzido por Lígia Helena – VQV – e Thiago Leite – Conservatório de Tatuí*

O espetáculo que assistimos na noite de hoje, no Teatro Procópio Ferreira, chamado 1989, do Coletivo Cê, é de um impacto explosivo – e não só porque uma televisão literalmente explode no palco (desculpem o *spoiler*) – mas porque nos leva

a um colapso temporal assombroso. Somos, a todo momento, lançados para o passado e para a atualidade num movimento de curto-circuito delirante, parecido com o chiado da falta de sinal de uma antena de rádio. Ao mostrarem um retrato de ontem, nos fazem enxergar o reflexo de hoje – e este gesto é uma faca afiada nas nossas consciências. Então, para onde estamos indo? Estaremos girando em falso nas ruínas de um passado que insiste em não passar?

A peça acompanha o cotidiano de uma família – um pai, uma mãe grávida, uma filha adolescente e um avô cadeirante – no ano de 1989 em frente a um televisor. A dramaturgia é toda construída por fragmentos dos programas de canais abertos da TV brasileira da época. O país se preparava para viver a primeira eleição direta depois de vinte e um anos de ditadura militar e oito anos de voto indireto. Era um ano de esperanças – o Brasil voltava a ser um país democrático. E o resto desta história, conhecemos bem.

Sem precisar dizer uma única palavra, os atores, dominando uma gramática corporal primorosa, são conduzidos e nos conduzem através desta dramaturgia televisiva que narra os principais acontecimentos do país naquele momento – com alguns saltos no tempo que nos levam para o “futuro”: de repente, o ano é 2018 e ouvimos a transmissão televisiva narrar o dia em que Luiz Inácio Lula da Silva foi preso. O resto da história, conhecemos bem.

Então, embora o espetáculo se dê em um ano específico do Brasil, 1989, a toda hora nos vemos assombrados pelo nosso próprio tempo – seja na dinâmica da família tradicional brasileira, seja nas interrupções televisivas que ecoam acontecimentos recentes. Como pontuou uma espectadora após o espetáculo: "a gente achava que tudo isso ia ficar só no passado? Mas a gente tá vivendo isso hoje também – a gente trouxe tudo isso com a gente, talvez, de uma forma ainda pior."

Esse assombro de estar diante do passado se reatualizando a toda hora durante a peça, permeou a conversa pós-espetáculo. Se enxergamos no cotidiano daquela família da década de 90, de modo tão latente e incômodo, a alienação diante do aparelho eletrônico, o patriarcalismo, o desejo desenfreado de consumo, a violência sobre o corpo da mulher posto apenas para servir, a sexualização da adolescente pelo olhar do pai, o abandono do avô em sua cadeira de rodas, o *burnout*; é porque isso tudo ainda faz parte do cenário em que vivemos.

Uma das primeiras frases que ouvimos, logo no início do espetáculo é: "esse filme é baseado em fatos reais". Sim. Essa peça é baseada em fatos reais. Por mais absurdo ou tragicômico que, às vezes, soem os *jingles*, propagandas eleitorais e outros programas transmitidos, estamos nos reconhecendo ali, vendo nossas próprias memórias e famílias, estamos falando de Brasil. Através da paisagem sonora televisiva, é exposto

um verdadeiro panorama da realidade brasileira. Mais do que documentar, a peça nos desanestesia – nos desperta e nos desacostuma ao cotidiano.

Poderia ficar mais muitas e muitas horas destrinchando tudo que esse espetáculo desvela – a riqueza de detalhes é preciosa: da rachadura na parede à expressividade potente de um único gesto, da maquiagem minuciosa ao figurino. Esta conversa não termina aqui, e espero que esse espetáculo circule por muitos cantos deste país – porque 1989 ainda é urgente em 2023.

Termino lembrando de uma frase de Millôr Fernandes: "o Brasil é um país que tem um enorme passado pela frente".

Coragem e vida longa ao Coletivo Cê.





# O CIRCO DOS OBJETOS: UM TEATRO PROFUNDAMENTE POPULAR

**FELIPE DE MENEZES**

*apreciação do espetáculo O Circo dos  
Objetos, a partir do painel conduzido  
por Thiago Leite – Conservatório de  
Tatuí*

**C**rianças e adolescentes do Lar Donato Flores estiveram atentas, nesta segunda-feira pela manhã, participando como espectadoras do espetáculo "O circo dos objetos", da Cia. Mariza Basso Formas Animadas, da cidade de Bauru. É que, já

cedinho, o 28º FETESP iniciou a semana de programações com um trabalho muito peculiar, que é o teatro de formas animadas. Aliás, a própria Mariza falou, durante o bate-papo após a peça, sobre as diferenças conceituais entre o teatro de objetos e o teatro com objetos, a marionetização dos objetos. Como é rico e poderoso o teatro, né, pessoal? Nesta edição, o FETESP tem se pautado pela pluralidade de formas de pensar o teatro. E o que vimos nesta manhã é um dos muitos jeitos de se fazer teatro: trata-se de construir uma narrativa com sujeitos-objetos, humanizá-los e colocá-los para viver uma vida que espelhe aspectos da nossa, ora ironizando, outras vezes superlativando ou diminuindo o seu reflexo. E nos pareceu, pela idade da cia., pela trajetória de tantas cidades e países que passou, que o coletivo dedica toda a sua pesquisa na investigação dessa forma de teatro profundamente popular. O tema circo foi o mote para toda narrativa visual e que esbanjou técnicas e precisão ao longo de todo o trabalho. Mariza Basso, Julio Hernandez e Victor Deluzzi encantaram toda a plateia ao explorar uma quantidade enorme de objetos, dentre os quais escovas, baldes, vassouras, tecidos, espanadores, desentupidores de pia, entre outros. A cada imagem que se construía à nossa frente, a história ia se compondo na cabeça de cada um. Esse passe de mágica, esses truques, é que fazem do teatro uma arte tão especial na formação da nossa capacidade simbólica. E, portanto, de sonhar e buscar outros mundos possíveis.

Mais uma vez, um grupo localizado no interior do estado dá lição de qualidade em qualquer fazer artístico da capital, embora, não tenhamos aqui as mesmas igualdades de acesso a recursos públicos. Ainda bem que temos um festival que nos dá acesso a essas produções e a esses artistas que tanto lutam pelo respeito de sua profissão.

No debate, foi proposto pelo mediador um jogo muito interessante onde a plateia poderia renomear o espetáculo a partir daquela experiência: "Um circo diferente"; "Um Olhar Pra Vida"; "O Susto da Água"; "Se Cobre Que o Palhaço Vem Aí" e muitos outros. Essa tarefa de se renomear o que se viu é um excelente caminho para estimular a participação, inclusive, daquele espectador mais tímido. Foi através de um jogo gostoso de jogar, que a plateia de estudantes mostrou o quanto tinha entendido todo o caminho dramático e de encenação do trabalho. E isso não foi um mero acaso: durante todo o espetáculo, os espectadores eram convidados a colaborar na construção de sentidos de cada número, de cada frase da ação. Um belo trabalho que precisa circular muito por aí!

Parabéns aos artistas e profissionais da cultura da cidade de Bauru por tanto que fizeram e continuam fazendo para o teatro do nosso interior paulista.





# **1989: UM ESPETÁCULO QUE NOS DEIXA SEM PALAVRAS!**

**MARCO ANTONIO PEDRA**

*bolsista estagiário de apreciação  
crítica para espetáculo 1989. estudante  
de artes cênicas da Unicamp*

**N**o dia 24 de julho de 2023, o Coletivo Cê, de Votorantim, marcou presença na 28ª edição do FETESP com o espetáculo *1989*. Nos bastidores, de acordo com a atriz Bruna Moscatelli, o sentimento da equipe artística era o de estarem fazendo uma

estreia, afinal, havia mais de três anos que o grupo não apresentava o espetáculo. Apesar de ser a primeira vez da obra em Tatuí, não foi a primeira tentativa. Em 2018, o grupo já pretendia vir para a cidade com a montagem, mas, por conta da greve dos caminhoneiros, a apresentação precisou ser cancelada. Desde então, muita coisa aconteceu: a desastrosa candidatura de Jair Messias Bolsonaro à presidência da república, uma pandemia que matou mais de setecentos mil brasileiros e a continuidade do mau uso das mídias para moldar subjetividades, incentivando, inclusive, uma onda de negacionismo em relação à vacina contra o coronavírus. A peça *1989* mostra que o poder da indústria cultural sobre a opinião pública tem, pelo menos, algumas décadas. Depois de vinte e um anos de ditadura militar e quatro anos do governo de José Sarney, substituindo Tancredo Neves, eleito por decisão do Colégio Eleitoral, a população finalmente vivenciou as eleições diretas. Fernando Collor foi eleito, em 1989, o presidente da república! E fez isso dizendo frases como "a nossa bandeira jamais será vermelha", que mais tarde tornou-se também uma fala de Bolsonaro. Quem não conhece sua história, tende a repetir seus erros. O espetáculo do Coletivo Cê registra um momento histórico que precisa ser lembrado para que seja interrompida a sua repetição. Os personagens da peça não precisam dizer nada para que a obra enuncie um belo discurso. Em frente à TV, essas figuras do final dos anos oitenta assistem a Xuxa, o Jornal Nacional, a telenovela, a campanha

eleitoral, escutam as músicas do momento e tudo isso, que parece um entretenimento inocente, torna-se um cabresto que liga os pensamentos dos personagens às mãos daqueles que detêm o poder da cultura de massa. Um poder que, além de dizer em quem você deve votar, também sugere a maneira como você deve agir. Isso fica evidente na cena em que a TV diz o que as grávidas devem levar para o hospital no dia de darem à luz. A lista inclui muitas coisas, ao contrário da síntese de itens que o programa promete em seu início. Até maquiagens as apresentadoras aconselham à mãe levar para o hospital. E o mais impressionante é que isto não foi escrito por um dramaturgo que visava fazer uma cena cômica, mas extraído de um programa de TV que estava levando muito a sério o seu discurso. E para quê dar um conselho desses a uma pessoa grávida? Provavelmente, para garantir que ela tenha todos os itens: comprando-o! Assim, o programa inocente é uma engrenagem da impiedosa máquina capitalista. O grupo também opta por distanciar suas atuações de um registro naturalista, fazendo uma marionetização de seus corpos. Para tanto, uma referência da trupe foi o teatro de Tadeusz Kantor, mundialmente conhecido pela peça *A classe morta*, que demanda dos seus atores uma performance mais estilizada. Além de ter em seu horizonte o trabalho do diretor polonês, a brasilidade aparece na atuação do elenco de 1989 através de uma gestualidade circense. Alexandre Malhone que, segundo ele mesmo, é um "faz tudo" do grupo, vem do circo. Sua

família é a tradicional trupe Guaraciaba, atuando há mais de oitenta anos no Brasil. Malhone e o grupo gravaram um filme durante a pandemia, *A paixão no circo*, com direção do brilhante Fernando Neves. Outra referência brasileira para a concepção da encenação foi o documentário *Um dia na vida*, do cineasta Eduardo Coutinho. Neste trabalho, Coutinho constrói o seu longa a partir da colagem de diversos comerciais da TV brasileira. Ademais, o processo criativo irrompe na fábula e linguagem do espetáculo. Na fábula, quando a personagem "Mãe" está grávida porque a atriz que interpretava esta figura no processo de criação da obra, Giuliana Bona, também estava. Na linguagem, quando mantém a proposta de Eliane Ribeiro de fazer a cena sem fala, em uma das primeiras propostas de cena que o elenco trouxe ao diretor Julio Cesar Mello para a construção do espetáculo. O Coletivo Cê cultiva parcerias afetuosas, o que combina com o modo de trabalho da equipe. Mais do que pares de ofício, os integrantes do grupo são amigos de infância que começaram a fazer teatro quando tinham, aproximadamente, dez anos. Foi em Votorantim, em um grupo amador coordenado pelo diretor Julio Carrara, cuja formação teatral se deu no Conservatório de Tatuí. Além de Carrara, todos os atores do elenco de 1989 – Bruna, Eliane, Hércules e Júlio – foram estudantes desta mesma escola. E, há 23 anos, o grupo se apresentava na 15ª edição do FETESP, sobre as tábuas do mesmo Procópio Ferreira. As parcerias de longa data se aplicam até ao jovem Sam Alix, que faz a

maquiagem do grupo. Apesar da pouca idade, apenas vinte e dois anos, ele já contribui com a companhia há sete. Outro parceiro de longa data é Jaime Pinheiro, cenógrafo do grupo. Eles conheceram Jaime no Conservatório de Tatuí. Aliás, foi na apresentação de 23 anos atrás que Jaime auxiliou o grupo pela primeira vez, durante uma apresentação no FETESP. A peça *1989* já circulou por alguns SESC's, participou de festivais em Florianópolis, Santos, Pindamonhangaba e, em breve, estará em cartaz no TUSP. A quem assistiu o espetáculo em Tatuí, cabe divulgar as próximas apresentações deste precioso trabalho.





# OS OBJETOS DOMINARAM BAURU, E FAZEM UMA TENTATIVA DE DOMINAÇÃO EM TATUÍ

**THIAGO MARCHETTO**

*Bolsista estagiário de apreciação crítica para o espetáculo O circo dos objetos. estudante da escola dos doutores da alegria*

São quase três quilômetros para chegar na cidade dos objetos. Um circo sem cor, sem vida. Cadê os humanos deste lugar? Difícil de acreditar em bonecos com vida. Mais difícil ainda é acreditar em objetos que se juntam e se tornam vidas e passagens, assim como um dia fomos.

A Cia. Mariza Basso Formas Animadas, detentora do Prêmio PROAC em espetáculos infantis, realizou no dia 24 de Julho o espetáculo *O Circo dos Objetos* no Lar Donato Flores, escola em Tatuí, pelo FETESP (Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo). A companhia existe há 19 anos e vem nessa imersiva pesquisa de teatro com objetos. É muito interessante a fala de Mariza, fundadora desta companhia, que diz que existe uma diferença entre teatro de objetos e teatro com objetos. O termo teatro com objetos contempla melhor o trabalho dos bauruenses, porque além de dar vida àqueles objetos, existe uma relação do manipulador com aqueles seres objetificados. Esta linguagem surgiu na Europa como uma reinvenção da comunicação nas artes da encenação. Fascinante como eles se apropriam dos objetos que usamos diariamente no trabalho em casa, e criam elementos narrativos, que tem como foco o público infantil, mas que leva, nós, apreciadores da arte, para outros espaços/tempos. Os objetos dominaram a raça humana em Bauru, e fazem uma tentativa de dominação em Tatuí.

A narrativa gira em torno do livro *O Sapato que Sabia Andar* de Luiz Vitor Martinello, escritor, poeta e contista de Bauru. Da maneira que a composição daqueles objetos vão dando vida ao homem e ao cachorro, vem o *PUTZ*, palhaço interpretado pelo ator mímico *Julio Hernandez*. A contracenação do palhaço com os objetos é a mais pura fantasia deste

encontro entre o Dadaísmo e os métodos de *Jacques Lecoq* - teatrólogo francês da pedagogia do corpo poético.

Ali, o que se deu foi uma marionetização das nossas memórias, das brincadeiras, dos conflitos de quando éramos crianças e dos desenhos animados antigos dentro de uma caixa preta. Recolher materiais de casa, escolher uma boa história para contar e resgatar as memórias do seu eu, brincante, pode se tornar uma grande revolução artística e mobilizadora.





# MANIFESTO EM ESPAÇO PÚBLICO

*apreciação da Cia. Quase Poética de Teatros para o espetáculo Tecendo Miçangas, Contando Vidas, da Cia de Teatro Flor do Asfalto*

**T**ecendo Miçangas, Contando Vidas foi apresentada no dia 23/07, no coreto da feira do Largo do Mercado, no horário da xepa. Há poucos metros dali, mulheres acompanhadas por crianças empilhavam em caixas de madeira suas verduras e

legumes garimpados no horário em que a feira se torna mais acessível. Isso não é ficção. Foi muito interessante ver a arte se apresentar sem romper o cotidiano da feira, onde pessoas cuidavam de suas questões cotidianas. O cão que latia antes da peça começar seguiu latindo, a senhora que circulava pelo espaço, interagindo com as falas dos atuentes, seguiu circulando.

A companhia de Teatro Flor do Asfalto é composta, em sua maioria, por alunos da ETEC de Artes, em São Paulo. O elenco é formado por Bia Caetano, Gabi Alves, Gaby Leão, Katherine França, Michel Xavier, Juh Godoy, Patrick Gomes e Vanessa Santos. As mesmas pessoas também formam a parte técnica que estrutura a obra, como Sonoplastia, Cenografia, Figurino, Maquiagem, Marketing e Produção; equipe formada, prevalentemente, por pessoas pretas. São artistas que residem na zona leste de São Paulo e abordam a literatura e o teatro como ferramenta para apresentação de trabalhos que apontam e criticam problemas estruturais de nosso país, como: racismo, elitismo econômico e condições precárias do trabalhador brasileiro. O início da ação é, justamente, uma pessoa uniformizada varrendo o espaço cênico. Diante de nós, vemos o espaço cênico se tornar a casa de uma mãe que não tem tempo de ajudar a filha na lição de casa da escola, porque se preparava para ir ao seu emprego, onde cuidaria dos filhos dos patrões.

Não há cenografia para além da própria praça e não há mudanças de figurino: todo

o ambiente dramaturgico é criado com a ocupação do espaço pelos corpos dos atuantes. Em seguida, vemos mulheres lavando roupas, conversando sobre esgotamento e, por fim, estendem um varal que passa por mãos e pescoços, formando uma teia. As roupas são colocadas no varal, que logo depois é lançado ao chão, em gesto de rompimento. Em outro momento, os atuantes formam um amontoado humano que chacoalha, exigindo que os os corpos se equilibrem. Surge diante de nós um metrô carregando o esgotamento dos corpos-trabalhadores indo e voltando do trabalho. O texto deste momento apresenta "pérolas" da meritocracia neoliberal, seguidos de gargalhadas coletivas e macabras.

Quando um espetáculo que nasce em caixa preta faz sua transição para rua enquanto palco, é necessária uma reformulação da estrutura de cenas. É papel da direção apontar e insistir para que todos os intérpretes tenham uma triangulação constante com a plateia, abrangendo toda a área delimitada do espaço de apresentação. Seja em arena ou meia arena, com a triangulação do olhar e o posicionamento dos corpos em relação mais direta com a plateia, a obra pode ganhar ainda mais potência. Talvez esta seja uma ferramenta que também possa oferecer uma melhor escuta, por parte do público, das falas ditas e das músicas cantadas junto com o público, que podem potencializar o carisma e os novos significados que os atuantes

apresentam nesse momento da encenação. Enfrentar a rua é sempre um risco, pois não sabemos o que pode acontecer. Quanto mais estivermos preparados para os acasos e presentes que a rua pode nos proporcionar, mais jogo de cintura é adquirido com o passar do tempo. Enfrentar a rua é sempre um desafio e a prática leva ao aperfeiçoamento. Quais são as práticas que o grupo irá tomar daqui pra frente para alcançar novos resultados da obra?

A peça pode se lançar para o futuro na perspectiva de expor a outros espaços e públicos a reflexão sobre a homogeneização do indivíduo no sistema capitalista. Ao mesmo tempo em que o espetáculo se camufla no espaço através de figurinos uniformes que se confundem com a paisagem onde os trabalhadores transitam, a peça também se destaca exatamente por ser um manifesto em espaço público, em meio aos acontecimentos cotidianos. É possível imaginar (e desejável) assistir essa peça acontecer em diversos espaços, de diferentes cidades. A dramaturgia e encenação são confiantes para testar possibilidades desafiadoras de apresentação, seja em frente a empresas e fábricas ou até em espaços elitizados, onde essas reflexões chegariam com certo estranhamento ao público, mas talvez possibilitasse inflamar e incomodar quem se beneficia com o *status quo* questionado pelo espetáculo. Acompanhar o grupo foi emocionante: para além da obra, a conversa

com o público após o espetáculo fechou com chave de ouro ao repercutir a demonstração de afeto, memória e luta que nos acessaram. Com certeza, a Companhia de Teatro Flor do Asfalto está trilhando o caminho certo para ocupar as ruas por onde passa e agraciar seu público com provocações duras como asfalto e com a poética de uma flor no auge de seu desabrochar.



# OCUPANDO REALIDADES

*apreciação da Cia. de Teatro Tal&Pá  
para o espetáculo Vila Rica ou um  
coração que quer ser ocupado, da Cia  
Quase Poética de Teatros*

**O** espetáculo musical *Vila Rica ou um coração que quer ser ocupado* conta o cotidiano de jovens moradores de uma Ocupação, sendo eles: Bituca, Loló, July e Perigor. Estes recebem Ronaldo, que está na cidade para seguir o sonho de se tornar

artista. Os personagens se deparam com o pensamento distinto do mesmo e o ajudam a encarar uma nova realidade.

A SP Escola de Teatro, de onde vieram os estudantes do grupo, trabalha a partir de módulos: Azul (performance), Verde (conflitos), Amarelo (narratividades) e Vermelho (escolha livre entre os módulos passados). A Cia. Quase Poética de Teatros surgiu no módulo azul, a partir de um experimento chamado *Recortes Quase Poéticos de uma BadTrip Brasileira*. No semestre seguinte, já no módulo Vermelho, a Cia. desenvolveu um trabalho a partir do eixo temático *conflitos* (módulo Verde). Nesse contexto surgiu o presente espetáculo, com a Cia. seguindo adiante, de forma independente, a partir de 2023. Com a aprovação em março de 2023 para a participação desta edição do FETESP, surgiram os perrengues de seguir o projeto fora da escola. Esses dilemas acabaram por contribuir com o processo de criação de personagens e enredo da peça: a vida imita a arte.

O espetáculo nos traz a realidade de muitos jovens artistas nos dias atuais, como os que moram em Ocupações e cujos trabalhos são subestimados. Os personagens são propositalmente estereotipados, com uma ótima construção de personalidade e trabalho corporal, com o figurino, que remete à juventude atual, contribuindo nessa construção. Os objetos de cenário trazem estéticas dos lares periféricos, se valendo de objetos comuns, como: mesa de truco, camisetas de time nos varais (que foram

usadas para, de certa forma, homenagear dois artistas marcantes para o grupo: M.I.A. (Massive Illegal Arts e Don L), entre outros móveis cotidianos. As músicas autorais trazem letras marcantes que dialogam com o enredo, sendo tocadas por uma banda sempre visível no espaço cênico.

Em alguns momentos da peça, a escolha por um cenário não tão definido quanto à divisão dos espaços confundiu parte do público, pois enquanto em uma cena a mudança de luz dava visibilidade para a mudança de espaços, em outras as mudanças não eram acompanhadas por uma variação na iluminação. Seria essa uma escolha conceitual?

No todo, o espetáculo é lindo: o tema foi abordado de forma leve e descontraída, com humor muito presente nos diálogos e situações. O personagem Ronaldo é uma peça fundamental para o desenrolar dessa história, pois possibilita aos espectadores mais leigos sobre o assunto se identificarem com as descobertas que ele tem naquela situação. É fundamental que esse enredo seja propagado em mais lugares, para que esse debate continue gerando reflexões sobre essa realidade social.





# LUA SEM O SEU CHÃO

*apreciação do Grupo Alta para o  
espetáculo Chão Brasil, da Cia. de  
Teatro Tal & Pá*

**C**hão Brasil é uma peça inspirada no livro *Quem roubou o meu futuro?*, de Sylvia Orthof, e conta a história de uma trupe que tem a expectativa de um país melhor, seu amadurecimento e de sua população. Um dos personagens, Lua, viaja

para o exterior por falta de esperança no governo do seu país, porém, ele se depara com uma realidade diferente da esperada. A peça tem nuances de poesia, cultura e muita música popular brasileira.

O Grupo Tal&Pá surgiu no Centro Cultural ArenArt (que acolhe jovens da periferia de São Paulo) a partir de um festival de teatro na escola, com o tema "festa junina", para arrecadar dinheiro. Os alunos que estavam presentes no festival queriam levar esse "projeto" para frente, com o apoio de Valéria Oliveira, que esteve presente com eles desde o início. O grupo tem 29 anos de existência, esteve presente em II edições do FETESP e, neste ano, 2023, apresentou *Chão Brasil*.

*Chão Brasil* já tinha sido adaptada antes, em 2016 e 2017, e é composta por um grupo que envolve 21 pessoas, sendo 6 músicos e 15 atores, um grande elenco, que se apresentou na Praça da Matriz no dia 22 de julho de 2023 para um público diversificado e com muitas perspectivas diferentes. O grupo aborda assuntos sérios durante a peça, utilizando a técnica Clown, trazendo leveza para as cenas, causando sentimentos e interpretações diferentes em seu decorrer, como a emoção quando o personagem Lua vai embora.

Outra coisa que nos chamou atenção foram os elementos das cenas, como os guarda-chuvas, panos coloridos, estrelas brilhantes e as malas, que carregavam um grande peso, que era a saudade. Os figurinos também

deixaram tudo mais legal e bonito de se assistir, prendendo bastante o público. As músicas, brilhantemente utilizadas no espetáculo, são brasileiras e compostas na ditadura. Com modificações nos ritmos, ajudam na abordagem dos assuntos, fazendo referências à cultura brasileira e envolvendo também poesias nas falas dos personagens.

O grupo teve uma boa desenvoltura durante o seu percurso, sendo perceptível que é uma peça bem estruturada. Estava claro que a cada começo e final de cena a dedicação sempre esteve presente na atuação e nas músicas, o foco era nítido, aliás, o olhar fixo e a interação com a plateia foram essenciais para retomar o assunto trágico onde as pessoas deixavam seu país natal na intenção de fugir da crise. Também não podemos esquecer de elogiar a inclusão, afinal, a interação ativa com parte do elenco com mobilidade reduzida foi inspiradora, como os próprios atores disseram: "Era complicado no começo, mas foi possível superar".

A peça possui alguns pontos de atenção, como a afobação nítida em cada troca de cena, como por exemplo, o debate, onde os gritos de comemoração do povo ocultavam os argumentos dos palestrantes. Logicamente o local da encenação não era um dos melhores para a projeção de voz, mas não deixou de chamar a atenção do público. Uma cena que aparentemente não usou todo seu potencial foi a do Bumba-meu-boi. A cultura do Brasil foi representada,

porém, poderia ter mais elementos e falas complementando uma cena tão expressiva.

A peça é interessante, pois trata de questões atuais de uma maneira leve e que prende o público. Nos prende também, pois fala muito da cultura brasileira e foi algo que nos fez sentir mais próximos da nossa cultura. Para nós, enquanto um grupo de jovens, assistir ao espetáculo foi muito especial, pois, são jovens falando de temas que dialogam com assuntos que também temos na cabeça. Que nada possa derrubar nossos sonhos, a corda bamba vai balançar, mas não vamos cair!



# A VAQUINHA QUE VIROU NOTÍCIA

*apreciação da Cia. de Teatro Flor do  
Asfalto para o espetáculo A Vaca  
Notícia, do Grupo Alta*

**A** *Vaca Notícia* apresenta uma realidade em que os animais vivem em sociedade, protagonizada por Maria Clara, uma vaquinha que sabe ler e escrever. Ela escreve um livro de receitas e deseja vendê-lo na feira local da sua cidade, mas não consegue, pois as demais vacas argumentam que vacas não

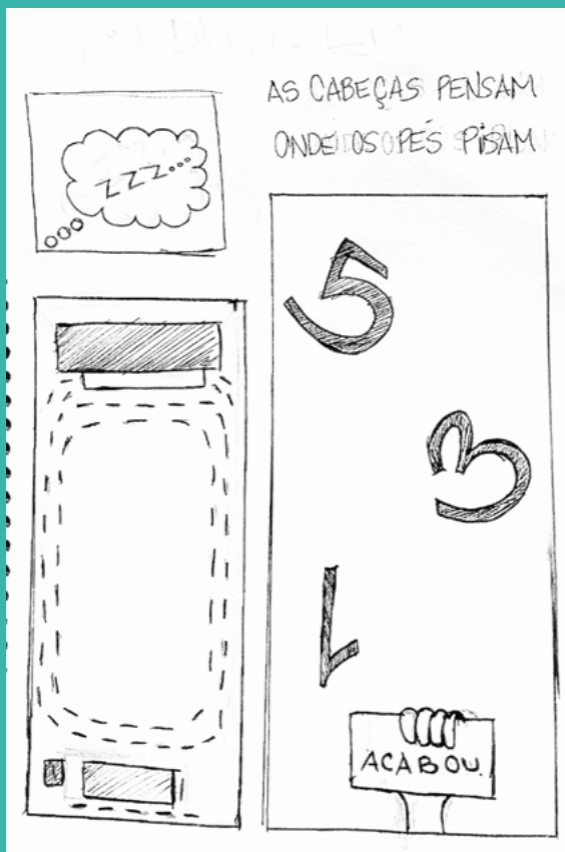
produzem livros, apenas leite. O Grupo Alta é composto por jovens com idade entre 14 a 15 anos, da Escola Estadual Professor Altamir Gonçalves, da cidade de Sorocaba.

A peça evoca a importância da educação enquanto ferramenta para se viver, e questiona o poder hierárquico, utilizando recursos musicais, comicidade e estrutura de personagem e conflito para contar uma história por meio da humanização de animais. Sua cenografia conta apenas com caixotes que compõem o cenário durante todo o espetáculo. O cenário é usado de forma dinâmica, diversa e orgânica, levando o público ao entendimento do contexto de lugares e espaços dentro do espetáculo. A comicidade surge, por exemplo, com um bolo enorme de capim.

*A Vaca Notícia* apresenta questões importantes e profundas com a leveza de uma fábula infantil. Com humor, cores e muuuuitos trocadilhos com o universo das vacas, rimos enquanto somos tomados pela identificação com a vaquinha que luta contra a ignorância. Quando buscamos um sonho, resistências se apresentam, desde o desafio de conhecer lugares novos, até estruturas sociais que impõem barreiras à nossa evolução. *A Vaca Notícia* é uma oportunidade de pensar sobre essas barreiras de forma leve e lúdica. Talvez, uma possibilidade de continuar este exercício cênico seja tentar encontrar novos espaços, no texto e na encenação, para denunciar estas estruturas opressoras, como o machismo.

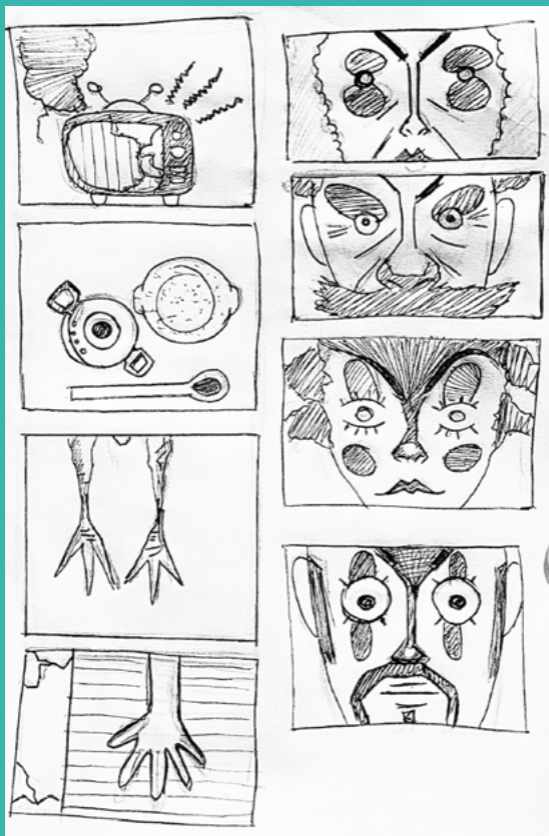
Em suma, a boa notícia é que *A Vaca Notícia* traz boas novas ao avacalhar com velhos estereótipos e preconceitos sobre o teatro produzido em ambientes escolares, sobretudo por adolescentes. O espetáculo é uma brisa leve no campo em um dia de sol, é a oportunidade de olhar para temas complexos e profundos com a crítica e leveza que só muita gente jovem reunida é capaz de produzir.

## PENSAR E PISAR



KAIO ALEXANDRE

1989



KAIO ALEXANDRE



# O PONTO DE VISTA DO CHÃO EM QUE SE PISA

**IVAN FREITAS**

*estudante do curso de Cenografia do  
Conservatório de Tatuí*

**H**oje, dia 24 de julho de 2023, tivemos a oportunidade de compor o primeiro de três painéis de intercâmbio – mobilizados pelo VQV Brasil – entre os grupos estudantis que estão presentes aqui no FETESP. O Protagonismo adolescente é a

principal linha traçada quando pensamos no porquê de um festival como este, e na importância de estimular e investigar o interesse do estudante das artes da cena em um trabalho que não seja apenas o seu, costurando uma ideia coletiva de se fazer, apreciar e se viver teatro.

É muito interessante a proposta de um debate aberto, onde todos os grupos conversam frente a frente sobre as questões que surgem enquanto se assiste a uma peça; essa posição de reflexão nos possibilita chegar em lugares para além de uma crítica de maneira hierárquica, e muito mais próximo de um olhar pedagógico da coisa toda, abrindo espaço para que os estudantes possam se colocar nos lugares de espectadores e apreciadores das cenas.

Também foi proposto aos grupos que construíssem coletivamente um texto crítico, sempre em uma rotação, onde um grupo comenta e reflete sobre a peça do outro. Após uma conversa em roda sobre as impressões de todos, ficaram no ar alguns termos e ideias que se repetiam: espaço, leveza e coragem, o que nos leva às questões: o que faz com que uma obra trate de um tema com leveza? Por que é corajoso se fazer uma peça a partir de uma dramaturgia que nos traz temas políticos? O quanto o espaço nos fornece motivo e contexto para a montagem e o grupo que a apresenta?

Toda relação é política, toda arte é política, todo teatro é político, e se faz presente como

consequência do nosso cotidiano; a leveza que nos vem à mente quando assistimos obras como as quatro discutidas ("Chão Brasil", "Vila Rica", "Tecendo Miçangas" e "Vaca Notícia") está na poética contida nas dramaturgias, que traçam, cada uma na identidade de seus grupos – e através das linguagens escolhidas – uma perspectiva muito específica de se lidar com todo o caos e problemáticas que nos acompanham dia a dia. A coragem, assim como essa leveza que chama a atenção, e que muitas vezes caminham juntas, formam quase que um dever do ator quando está presente antes, depois e durante a cena. A escolha de se falar sobre assuntos vistos como polêmicos, de tempos pra cá, deixou de ser escolha e passou a ser necessidade; a coragem é nossa virtude. Munidos desta potência, ocuparemos todos os espaços que passarem por nós, dando direção para nossos discursos, e vindo sempre da perspectiva de quem sai do chão, da base.

É muito lindo poder acompanhar a trajetória desses grupos e vê-los leves!



# INTERFERÊNCIAS

## **KAIÃO**

*estudante do segundo ano de Artes  
Cênicas no Conservatório de Tatuí*

Falar sobre trabalho é falar sobre fome.

Falar sobre trabalho numa feira é ouvir uma senhora me chamando enquanto a cena acontece; ela aponta para a garota torcendo suas roupas brancas, invisíveis e ao mesmo tempo visíveis e diz com um tom de certeza:

"isso aqui, teatro". Em questão de segundos ela me convida para olhar para trás. Imaginem a imagem: um carrinho de bebê, no lugar da criança que poderia estar ali, tem alfaces. Naquele carrinho há tantas alfaces que é possível vê-las transbordando e caindo no chão, que, lógico, está sujo! Visualizaram?

Agora nós dois olhamos para o carrinho. Ficamos em silêncio por alguns segundos. Esse silêncio é cortado, Ela olha dentro dos meus olhos e diz: "e isso aqui, é a vida real!"

Carrinho de criança sem o bebê, o bebê já cresceu e está indo atrás da xepa junto a sua mãe. A criança cresceu e agora o carrinho está cheio de alfaces...

Talvez a vida para alguns faça sentido ter comida no carrinho.

Por que pensamos que há periferia só em São Paulo? Como está o trabalho?

Quais as opções dessas pessoas (não generalizando) quando não encontram um trabalho?

Depende do trabalho, depende do espaço, e, se de fato existe um trabalho, ele existe pra quem ?

Obrigado galera do Tecendo Miçangas, eu vi a minha mãe no palco com vocês!! Gratidão, Sucesso!!!

*BÔNUS OU UM MIMO NOSSO*



# MINI- DRAMATURGIA

**TADEU RENATO**

*professor de dramaturgia do  
Conservatório de Tatuí*

A oficina de Mini-Dramaturgia teve seu primeiro encontro nesta segunda-feira, 24 de julho, na Escola Estadual Professora Lienette Avalone Ribeiro. Entre trocas de histórias e jogos criativos, a turma participante criou textos teatrais que tivessem o mínimo de palavras possíveis. Partimos de alguns elementos em comum (palavras, imagens, personagens) que resultaram em variadas invenções. Em uma época em que as palavras nos atravessam em noticiários constantes, discursos virtuais e excessos de comunicação, pensar essa síntese em mini-dramaturgias provoca reflexões sobre a potência de cada palavra como fonte para outros imaginários.

Segue abaixo uma amostra de alguns dos textos criados nesse encontro. A oficina está aberta para quem quiser chegar junto e ainda acontecerá em mais dois dias, 26 e 28 de junho, das 09h às 12h.

- Você é louco.
- Sou fantasioso, gosto de brincar com fantasias.
- Não sei por que, mas acho que vai dar briga...
- Vamos brincar com chumbinho na casa assombrada?
- Mas lá não tem um fantasma?
- Não! Que fantasma?
- O fantasma da fantasia.
- Não sei porque, mas eu acho que vai dar briga com nossos pais.
- Vixe, deu ruim. Fudeu.

**Vivica**

---

**ESCRITORA** – Esse lugar é caótico, um ringue dentro de um armazém!

**ATLETA** – Eu gosto daqui.

**ESCRITORA** – Cada um com suas maluquices...

(Atleta olha para a xícara de café que está com a Escritora)

**ATLETA** – Você toma muito café.

**ESCRITORA** – Eu gosto. Você não?

**ATLETA** – Não gosto. Café faz mal pra minha rotina de atleta.

**ESCRITORA** – Você parece um velho.

**Évelyn Cardoso**

(Uma Escritora e um Atleta estão dentro de um ringue. A escritora toma um café)

**ESCRITORA** – Sua rotina é muito corrida?

**ATLETA** – É claro! Eu corro!

**ESCRITORA** – Por quê?

**ATLETA** – Eu sou atleta, ué!

**ESCRITORA** – Mas por que o ringue?

**ATLETA** – Para lutar contra os meus demônios.

**Danilo de Almeida Ferreira**

---

(Armazém na frente da cena. Ringue ao fundo. Escritora sentada no balcão. Um Atleta entra)

**ATLETA** – O de sempre, né? Tomando um café... (tempo) E o livro, quando sai?

**ESCRITORA** – Minha rotina não tá fácil, mas vai ser a história mais linda que você vai ler sobre um cachorro caramelo.

**ATLETA** – Ele passou por aqui esses dias, acompanhado por ela. Você viu?

**ESCRITORA** – O cachorro?

**ATLETA** – Não. A vida.

**Michel Xavier**

(Um ringue com uma prateleira de armazém e um balcão. Duas pessoas entram no local)

**PI** – Queria café, mas tô com medo.

**P2** – Medo de quê? É só dialogar.

**PI** – Eu não consigo. Preciso de café pra terminar de escrever.

**P2** – É só na primeira vez. Depois da segunda você se acostuma.

**PI** – Ok, vou tentar. Assim consigo incluir na minha rotina.

**P2** – Então tá, vou pra casa pôr gelo no olho. Ainda tenho que treinar e levar o cachorro pra passear.

(P2 sai correndo e PI respira fundo antes de entrar no ringue. Luzes se apagam)

**Rebeca Fernandes**

---

**ELE** – Lembra quando nos víamos todos os dias para beber, gargalhar e amar?

**ELA** – Lembro que acabou.

**Andrews Nascimento**

## EXPEDIENTE

### **Coordenador editorial**

Antonio Salvador

### **Coordenadora de comunicação**

Luiza Lorenzetti

### **Arte design**

Lívia da Silva

### **Produção editorial**

João Fabbro

### **Revisão de textos**

Thiago Leite

João Fabbro

### **Organizador da seção fermentação natural**

Tadeu Renato

### **Colaboradores**

Andrews Nascimento

Camila Barbagallo

Daniilo de Almeida Ferreira

Évelyn Cardoso

Ivan Freitas

Julia Pedreira

Felipe de Menezes

Kaio Alexandre

Marco Antonio Pedra

Michel Xavier

Rebeca Fernandes

Thiago Marchetto

Vivica

### **Coletivos participantes**

Cia. de Teatro Flor do Asfalto

Cia. de Teatro Tal&Pá

Cia. Quase Poética de Teatros

Grupo Alta

### **Fotógrafo**

João Maria

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustenidos Organização Social de Cultura.

Apoio:



Parceria:



PREFEITURA DE TATUÍ

poiesis  
gestão cultural



OC  
OFICINAS  
CULTURAIS



8º ENCONTRO  
MAMULENGO  
em SÃO PAULO



Realização:

# SUSTENIDOS



CULTSP

Secretaria da  
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO  
GOVERNO DO ESTADO